

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO PURUS: UM OLHAR HISTÓRICO-LITERÁRIO, A PARTIR DO CONTO (IN)VISIBILIDADE, DE HÉLIO ROCHA.

Maria Alice Azevedo de Albuquerque¹

Resumo: O artigo "A Representação da Mulher no Purus: Um Olhar Histórico-Literário, a partir do conto (In)visibilidade, de Hélio Rocha" tem como objetivo principal desenvolver um estudo histórico-literário sobre o conto "(In)visibilidade", presente no livro *Gaivotas* do autor Hélio Rocha. A pesquisa busca investigar o papel da mulher na região do Purus durante o período colonial, analisando as relações entre colonizadores e colonizados, com ênfase na figura feminina indígena e nas dinâmicas de gênero, etnia e classe social, resgata narrativas históricas sobre as mulheres coloniais, que foram invisibilizadas ao longo do tempo. O conto "(In)visibilidade" retrata o genocídio do povo Apurinã, comandado pelo Coronel Labre, e utiliza metáforas para representar a opressão e resistência das mulheres indígenas. Ele expõe a brutalidade da colonização e a desumanização das mulheres, que eram exploradas e controladas como parte do processo colonial. O estudo contribui para ampliar a compreensão sobre a História da colonização na Amazônia, destacando a importância da mulher nesse processo e promovendo reflexões sobre identidade, memória e resistência no contexto Pan-Amazônico. Tem como metodologia: pesquisa bibliográfica sobre a colonização e a produção literária brasileira, análise do conto "(In)visibilidade" e sua relação com o contexto histórico e cultural da região do Purus; Utilização de pesquisa-ação para mediação de leitura e produção textual, com foco na Literatura Amazônica; construção de um panorama analítico do processo de colonização do Médio Purus, destacando o papel da mulher.

Palavras-chave: Mulher Indígena; (In)Visibilidade; Colonização Amazônica.

INTRODUÇÃO

A princípio, durante o período pré-colonial (entre 1500 a 1535), quando os colonos portugueses chegaram em território brasileiro, eles foram bem recebidos pela sociedade indígena que possuía hábitos e comportamentos totalmente diferentes dos europeus. O homem

Especialista em Didática do Ensino Superior, pela Tharirih; Especialista em Gestão Pública, pela UFAM
maria_aliceazevedo@hotmail.com

branco ficou fascinado pela maneira como as mulheres andavam "sem pudor", todas nuas iguais aos homens, enquanto elas foram seduzidas pelos objetos brilhantes que os estrangeiros de aparência amigável carregavam.

Antes do processo furioso de colonização, o desconhecimento, ingenuidade e percepção indígena de que os brancos eram "deuses de outro mundo" despertou o interesse nas mulheres nativas, que se entregaram a eles em troca de um espelho ou pente. A cultura indígena não só recebeu esses homens em suas terras, como permitiu a união deles com suas mulheres porque imaginavam que fossem povos de paz. Assim se estabeleceu a primeira base da sociedade que seria colonizada.

Segundo o escritor Gilberto Freyre (1973), foi na moral sexual dos ameríndios que os europeus encontraram um campo fácil para expandir sua tendência sexual polígama, considerada pecado aos olhos da religião e socialmente inaceitável. Do outro lado do oceano, os homens viram a oportunidade de "fazer a festa". A partir desse envolvimento do europeu com os ameríndios, nasceu a mulher brasileira, cujos hábitos e maneiras foram moldados a partir do século XVI.

A História é um movimento constante e conhecê-la é de fundamental importância para compreensão acerca da sociedade em que se vive. Tudo que fazemos, pensamos, a forma que vivemos possui reflexos na construção histórica do local que habitamos; afinal, história é vida e fazemos parte da história da nossa e de outras vidas.

No período colonial brasileiro as mulheres eram peças fundamentais para a construção da nova terra, porém a elas foi relegado um papel secundário ou quase invisível no meio social. O cotidiano feminino era marcado por rígido controle e a mentalidade da época era impregnada de mitos e superstições.

O Brasil foi marcado pelo encontro de diversas etnias indígenas, cada qual com sua organização social própria, pelos europeus que aqui se estabeleceram e pelos africanos trazidos como escravos da África. A miscigenação irá compor o cenário brasileiro colonial, e as relações de gêneros e classes vão ao longo do tempo moldando a mentalidade do Novo Mundo. Cabe estudar os papéis exercidos pelas mulheres nesse período de formação do Brasil para melhor compreender as relações, inclusive as matrimoniais, o que celebravam e o que se esperava de cada mulher, esposa e mãe.

Com a chegada dos escravos no Brasil, por volta do século XVI para o XVII, a mulher negra e escrava ocupou parte desse cenário. Os africanos eram trazidos ao Brasil em navios para tornarem-se escravos em fazendas, nas cidades e, posteriormente, com a descoberta de ouro, eram utilizados na exploração das minas.

As mulheres trabalhavam principalmente na cozinha na Casa Grande e recebiam o mesmo tratamento severo que os homens. Nem mesmo quando estavam grávidas ou amamentando eram poupadas ou tinham o ritmo de trabalho diminuído.

A mulher e a terra eram metáforas uma da outra, não só no sentido da exploração sensorial e sexual, mas também como meios de produção e de reprodução, como propriedades, tendo as mulheres sua sexualidade abusada ou controlada conforme os imperativos da colonização. Isso foi válido não apenas em relação às índias, mas também em relação às negras, às mestiças e às brancas. O controle, os estímulos e os influxos das e às mulheres foram relacionados ao seu papel de reprodutora de braços e de transmissora de valores em função do interesse de colonização. Em função desse papel a mulher foi desgastada e devastada. Ambas, a terra como metáfora do feminino, devastadas e controladas, em função não apenas da simbologia de ligação com a natureza, mas em função do papel que desempenham na produção.

No conto, “(In)visibilidade”, de fevereiro de 1871, mês e ano da chegada de Antônio Rodrigues Pereira Labre ao território dos indígenas Apurinã e Paumary na região do Médio Purus denominada, Maciary pelos nativos (ROCHA, 2015, p. 91), uma pintura realista do assassinato do povo Apurinã, comandado pelo Coronel Labre, um verdadeiro genocídio, eivado de crueldade e preconceito: “– Metei bala nesses bugres. Não tenhais pena de munição. Vamos, espalhai-vos. Não são humanos. Não possuem alma como a nossa. São seres bestiais. A morte os libertará” (ROCHA, 2015, p. 98). Nesse conto, evidencia-se metamorfose das índias Daw e Cati que, supostamente, se transformaram em cotias para escapar dos invasores. Entretanto, nem mesmo a metamorfose as salvou: foram executadas a golpes de facões, seus corpos perfurados e dependurados em seringueiras. Seus negros olhos indígenas permaneceram abertos, “para atormentar a Modernidade”.

Como dito anteriormente, as mulheres eram peças fundamentais no cenário colonial brasileiro, pois desempenhavam determinadas funções sociais e viviam sob rígidas regras que lhes eram impostas.

A pesquisa tem por objetivo desenvolver um estudo literário sobre o conto “(In)visibilidade” do livro *Gaivotas*, do escritor labrense, Hélio Rocha, analisando o período colonial brasileiro, o cotidiano vivenciado pelas mulheres na região do Purus, destacando sua cultura, bem como as demais relações de gênero, etnias e classes sociais.

Assim sendo, o presente artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica, tendo se utilizando do Livro *Gaivotas*, onde tomou como objeto de estudo o conto (In)visibilidade, que buscou compreender o por que do prefixo (In) dentro do parêntese, qual foi a intenção do autor usando esse título para compor a obra *Gaivotas*, e qual a chave interpretativa para a criação desse conto.

Tendo em vista que não há registro escritos sobre o conteúdo a ser investigado, almejo partir do conto (In)visibilidade, com vistas ao cenário trágico das mulheres indígenas para, a partir do conto, verificar a representação das personagens, mas também do processo de colonização do rio Purus, especificamente, do mundo labrense, tendo também a terra como feminização do processo colonial, deixando como escritas para os futuros pesquisadores.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada dentro do contexto Estudos Literários, na área de Literatura, Memória e Identidade Pan-Amazônicas, tendo em vista que a pesquisadora faz esta disciplina, no Mestrado, na Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Considerando que os objetivos deste artigo, buscará desenvolver um estudo literário sobre o Conto (In)visibilidade do Livro Gaivotas, investigar-se-á, qual era o papel da mulher na região do Purus, no período colonial, identificando quando aconteceu de fato a presença feminina, evidenciando a figura feminina Apurinã (citada no conto (In)visibilidade).

A pesquisa proposta se pauta, em primeiro lugar, pela pesquisa bibliográfica, realizando levantamento histórico a respeito da colonização da mulher, no escopo da produção literária brasileira em sua larga extensão. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica, proporcionará a pesquisadora, a fazer análise a partir do Conto e da História da chegada do Labre a Região do Purus.

Além disso, será necessário, para a análise de textos literários, quando houver, o estudo da recepção crítica para as obras encontradas, e da teorização sobre a subjetivação e a estilização das experiências nas textualidades e gêneros literários do autor, do Conto que, a meu ver, metaforiza esse mundo indígena do Purus.

Para o trabalho com a literatura criada no ambiente Amazônico, contamos com os processos da pesquisa-ação, uma vez que esta linha metodológica permitirá – no processo de mediação realizada nas leituras, e em outros gêneros literários a partir da historiografia como mediação de leitura e produção textual -, o contato com autores e seus textos no momento da criação literária. Com a pesquisa-ação, o material resultante dela ou relacionado a esta será analisado em diálogo comparativo com o mapeamento realizado na pesquisa bibliográfica.

Françoise Vergès (2019, p. 26) salienta:

Dizer-se feminista decolonial, defender os feminismos de política decolonial hoje não é apenas arrancar a palavra “feminismo” das mãos ávidas da oposição, carente de ideologias, mas também afirmar nossa fidelidade às lutas das mulheres do Sul global

que nos precederam. É reconhecer seus sacrifícios, honrar suas vidas em toda a sua complexidade, os riscos que assumiram, as hesitações e as desmotivações que conheceram. É receber suas heranças. Também é reconhecer que a ofensiva contra as mulheres, atualmente justificada e reivindicada publicamente pelos dirigentes estatais, não é simplesmente a expressão de uma dominação masculinista descomplexificada, e sim uma manifestação da violência destruidora suscitada pelo capitalismo. O feminismo decolonial é a despatriarcalização das lutas revolucionárias. Em outras palavras, os feminismos de política decolonial contribuem na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu direito à existência.

Ainda sobre a visão do papel da mulher na sociedade brasileira, Henrique Dussel (1993, p.52) argumenta:

A “colonização” ou o domínio do corpo da mulher índia é parte de uma cultura que se baseia também no domínio do corpo do varão índio. Este será explorado principalmente pelo trabalho – uma economia. No tempo da acumulação originária do capitalismo mercantil, a corporalidade índia será imolada e transformada primeiramente em ouro e prata – valor morto da objetivação do “trabalho vivo” do índio.

A metodologia proporciona ao pesquisador entender a sociedade em que vive e de ter consciência de sua posição na mesma, isto é, possibilita a recuperação de sua memória histórica. O método é entendido como o caminho a ser percorrido.

André (1996, p.15) diz, que a decisão metodológica deve estar articulada ao problema em questão e adaptar-se ao que se pretende, aos conceitos que se pretende trabalhar, aos questionamentos derivados do quadro teórico adotado, aos níveis de análises que se quer priorizar para chegar ao conhecimento desejado.

Para Lakatos e Marconi (2006, p. 183) “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando à conclusão inovadora”. O que ajudará a pesquisadora na busca de contribuições na obra em estudo.

Como esclarece Rocha (2016):

Assim, uma pesquisa em busca tanto de dados biográficos de Labre, quanto da sua atuação política, especialmente na bacia do Purus, onde fundara uma vila com seu nome, nos idos de 1871, é relevante para os estudos geográficos, históricos, econômicos, políticos, etnográficos e culturais da Amazônia brasileira. Compreender a história da colonização do Purus, a partir de registros e dos feitos do coronel Labre torna-se, assim, uma tarefa necessária para a aquisição, transmissão de conhecimentos e a valorização de nosso território amazônico nos idos de 1860 até contemporaneidade. O passado e o presente, então, tornam-se moedas de valor na construção identitária desses diversos povos que formam a comunidade labrense e puruense.

No estudo deste artigo, usamos teóricos e estudiosos dos estudos pós-colonialista para melhor compreensão e descrição no resultado do mesmo.

Dessa forma, buscou-se a compreensão do conto (In)visibilidade, do Livro Gaivotas, a partir de estudos, interpretações e questionamentos acerca da visão do autor, que descreve um cenário sangrento do povo Apurinã, para anunciar a chegada do Coronel Labre, a região do Purus.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Conhecer as mulheres coloniais abre ao leitor parte da História do Brasil que por muito tempo ficou escondida e revela que o cotidiano era mais conturbado e ativo do que aquele que por muito tempo foi apresentado de maneira calma, tranquila, serena; como se as mulheres fossem bonecas que qualquer um pudesse manipular.

O Brasil ainda é um país de natureza extremamente bela, apesar de já estar muito explorada e degradada. No período colonial a natureza, as praias, as paisagens saltavam aos olhos de qualquer viajante que por aqui passasse devido à imensurável beleza que exibia a Terra de Santa Cruz. Beleza que aos poucos foi transformando-se pela ação dos colonizadores.

Em 1500, ano em que a Esquadra de Cabral chega ao litoral brasileiro, a terra tinha seus mistérios, sendo habitada por povos de linguagens e costumes estranhos. Na mentalidade da época, os índios eram selvagens que precisavam de ajuda. Conseqüentemente as mulheres indígenas também necessitavam de adestramento. A organização social indígena estava longe de ser aceita pelos europeus. Como afirma Raminelli (2011, p. 265), “nas terras do além-mar, os costumes heterodoxos eram vistos como indícios de barbarismo e da presença do Diabo; em compensação, os bons hábitos faziam parte das leis naturais criadas por Deus.”

Por sua vez a Igreja sustentava a ação metropolitana na conquista e colonização da América (do Sul) ao esboçar uma imagem dos indígenas a partir de conceitos cristãos e eurocêntricos, demonizando os ritos e culturas próprios de cada etnia. Dessa forma consideravam os povos indígenas como selvagens, mas que ainda poderiam ser salvos e alcançariam o status de civilizado, caso a Igreja e o Estado Metropolitano interviessem e os auxiliassem.

Nesse contexto Raminelli (2011, p. 256) evidencia que:

A lógica das narrativas sobre o cotidiano ameríndio prende-se aos interesses da colonização e da conversão ao cristianismo. Representar os índios como bárbaros (seres inferiores, quase animais) ou demoníacos (súditos oprimidos do príncipe das trevas) era uma forma de legitimar a conquista da América. Por intermédio da catequese e da colonização, os americanos podiam sair do estágio primitivo e alcançar a civilização. Esses princípios formavam uma espécie de filtro cultural que distorcia a lógica própria dos ritos e mitos indígenas.

Na Colônia, no Império e até nos primórdios da República, a função jurídica da mulher era ser subserviente ao marido. Da mesma forma que era dono da fazenda e dos escravos, o homem era dono da mulher. Se ela não o obedecia, sofria as sanções.

A mulher brasileira tem lutado ao longo de toda a nossa história, para conseguir o seu espaço, mesmo vivendo em uma sociedade discriminatória e preconceituosa. Na atualidade, a discussão do tema se fará em virtude da necessidade de analisar o avanço das conquistas femininas na sociedade brasileira. Certamente, que o período histórico a ser analisado neste presente trabalho, o recorte temporal será de suma importância, devido as grandes mudanças sociais, econômicas e políticas que aconteceram no Brasil colônia.

É importante aqui falar também dos Apurinãs, povo indígena do conto (In) visibilidade, do Romance que faz parte do Livro Gaivotas, possível metáfora para mulheres, que sempre buscaram voos por suas liberdades.

Estes tiveram contato sistemático com não-índios no contexto da exploração da borracha. No século XVIII, o rio Purus começou a ser explorado por comerciantes itinerantes, na busca das chamadas “drogas do sertão”: cacau, copaíba, manteiga de tartaruga e borracha. Alguns destes itinerantes se estabeleceram e começou a haver, então, benfeitorias para exploração, ainda no baixo Purus. Nas décadas de 50 e 60 do século XIX houve várias expedições para reconhecer e mapear o rio: nesta época, segundo os relatos, alguns Apurinã já trabalhavam para os não-índios.

Assim, a vida indígena, desde seus primórdios, foi violada pela chegada do colonizador com suas bagagens culturais, políticas e sociais e a ambição por dominar terras desconhecidas. Assim, quando pensamos em povos indígenas, é possível lembrarmos das atrocidades vividas por eles, principalmente a escravidão que por várias vias exterminou a maioria das etnias que se espalhavam pelas terras brasileiras. Sem punição ou culpa, o colonizador foi se alastrando pelo território em busca de riquezas para usar como moeda de troca no mercado internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo analisa o papel das mulheres indígenas, especialmente as Apurinãs, no contexto da colonização, destacando suas funções sociais, culturais e a violência sofrida. Aborda a relação entre colonizadores e colonizados, evidenciando a exploração das mulheres como

metáfora da terra, tanto no sentido de produção quanto de reprodução. O conto "(In)visibilidade" retrata o genocídio dos Apurinãs liderado pelo Coronel Labre, expondo a crueldade e o preconceito contra os indígenas. A pesquisa explorou a feminização do processo colonial e a luta das mulheres por espaço e liberdade ao longo da História.

O artigo destaca a importância de compreender o papel da mulher no período colonial brasileiro, especialmente na região do Purus, como forma de resgatar memórias históricas e culturais frequentemente invisibilizadas. A pesquisa contribui com os estudos literários e históricos, evidenciando as relações de gênero, etnia e classe social, além de promover reflexões sobre a violência e exploração sofridas pelas mulheres indígenas e o impacto da colonização na Amazônia.

O conto "(In)visibilidade" revela aspectos históricos e simbólicos sobre a mulher brasileira, especialmente no contexto da colonização. Ele destaca como as mulheres indígenas, representadas pelas personagens Daw e Cati, foram submetidas à violência extrema, exploração e invisibilização durante o processo colonial. A narrativa expõe a brutalidade sofrida por essas mulheres, que eram vistas como objetos de exploração sensorial, sexual e reprodutiva, sendo controladas conforme os interesses dos colonizadores.

Além disso, o conto utiliza metáforas, como a transformação das índias em cotias, para simbolizar a tentativa de fuga e resistência diante da opressão, embora essa resistência tenha sido brutalmente reprimida. A obra também sugere que a mulher brasileira, desde suas origens, fora moldada em um contexto de submissão e exploração, mas ao mesmo tempo carrega marcas de luta e resiliência.

Por fim, "(In)visibilidade" evidencia como a mulher foi central na construção da sociedade colonial, mas relegada a papéis secundários e invisíveis, sendo constantemente desumanizada e reduzida a instrumentos de produção e reprodução. Essa representação contribui para reflexões sobre a história da mulher brasileira e sua busca por espaço e reconhecimento em uma sociedade marcada por desigualdades de gênero, etnia e classe.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. **Relações entre pesquisas, práticas e políticas de formação**. Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CUNHA, E. da. **“Rio abandonado, o Rio Purus”**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 68(2), 1907.

- DUSSEL, Henrique. 1492: **O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade.** Conferências de Frankfurt – Petrópolis, RJ: Vozes, 1993
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala.** 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- PRIORE, Mary Del. **Ao sul do corpo, condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia.** Rio de Janeiro: Olympio, 1993.
- _____. **Festas e utopias no Brasil Colonial.** São Paulo: Brasiliense, 2000.
- _____. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Planeta, 2011.
- _____. **Mulheres no Brasil Colonial.** São Paulo: Contexto, 2000a.
- RAMINELLI, R. Eva Tupinambá. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2011.
- RESENHA: **LABRE, FUNDADOR DE LÁBREA, UMA CIDADE NA AMZÔNIA,** Miguel Nenevé.
- RILE – Revista Interdisciplinar De Literatura e Ecocrítica. BRA, v. 2, n. 1, p. 144-147, Jun-Jul., 2019
- ROCHA, Hélio. **Coronel Labre.** 1ª ed. SCIENZA, São Paulo. 2016.
- ROCHA, Hélio. **Gaivotas.** Guaratinguetá-SP: Penalux, 2015.
- VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial.** São Paulo: UBU, 2020.